V CONGRESSO INTERNACIONAL DAS **LICENCIATURAS** COINTER - PDVL 2018

CRENÇAS DE PROFESSORES DE QUÍMICA SOBRA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

CHEMISTRY TEACHERS BELIEFS ABOUT THE BRAZILIAN LANGUAGE OF SIGNS

Apresentação: Pôster

¹ Vilhena Letícia Silva dos Santos; Diego Gomes²; Regina de Fátima Freire Valentim Monteiro³; Ricardo José Ferreira⁴; Kátia Michaela Conserva Albuquerque⁵

DOI: <https://doi.org/10.31692/2358-9728.VCOINTERPDVL.2018.00191>

Introdução

O ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em Instituições de Nível Superior, visando a formação de professores, iniciou após o decreto 5.626/05 que a reconheceu como língua natural para os surdos e estabeleceu direcionamentos para seu ensino. Mediante a inserção da disciplina de Libras nas licenciaturas, questionamos quais concepções professores de Química possuem a respeito desta língua.

As crenças a respeito da língua de sinais estão ligadas ao entendimento sobre as pessoas surdas. A evolução conceitual sobre essa língua e esses indivíduos partiu de um lugar de inferiorização para um novo status linguístico, a partir do momento em que é reconhecida formalmente como língua e por consequência, comunidade linguística. Gesser (2009, p. 9) ressalta:

Certamente a marca linguística não é a única questão nas discussões sobre a surdez, mas é a legitimidade da língua que confere ao surdo alguma “libertação” e distanciamento dos moldes e representações até então exclusivamente patológicos. Tornar visível a língua desvia a concepção da surdez como deficiência – vinculada às lacunas na cognição e no pensamento – para uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural.

¹ Licencianda em Química, IFPB, vilhenaleticia16@gmail.com.

² Licenciando em Química, IFPB, diegogomees28@gmail.com.

³ Especialista em Libras, IFPB, reginavalentim21@gmail.com.

⁴ Doutor em Estatística Aplicada, IFPB, ricardo.jferreir@gmail.com.

⁵ Mestre em Linguística, Licenciatura em Química, IFPB, katia.librasvirtual@gmail.com.

A evolução conceitual sobre a surdez e as pessoas surdas foi proporcionada por concepções filosóficas, educacionais e sociais. Partindo do entendimento de seres desprovidos de pensamento e comunicação, visto que na antiguidade pensamento e fala oral eram considerados indissociáveis, as pessoas surdas eram escanteadas da sociedade por serem consideradas incapazes de desempenhar papéis sociais comuns a pessoas ouvintes.

É possível que a crença direcione a ação do professor mediante a proporção de probabilidade e estabilidade que a compõe. Concepções que orientam a prática de ensino, crenças sobre a Libras podem nortear a escolha metodológica do professor na educação de surdos.

Considerada a principal representação da cultura surda e símbolo a partir do qual os surdos ocupam um lugar social, este projeto objetiva investigar crenças sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em professores licenciados em química. As crenças, estabelecidas a partir da experiência, caracterizam-se por serem pessoais, intuitivas e implícitas. Elas resultam da união entre a cognição e experiências sociais.

A investigação de tais perspectivas é norteadas pelas seguintes etapas metodológicas: entrevista de professores da disciplina de Química; organização dos dados coletados; análise estatística; oferta de minicurso aos professores participantes sobre o processo de ensino-aprendizagem de estudantes surdos.

A partir da análise dos dados, ofertaremos orientação aos participantes da pesquisa sobre o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Química, considerando o ensino por meio da Libras. Esta orientação será planejada com base nas crenças identificadas através da entrevista e visa subsidiar esses professores em sua prática de ensino numa sala de aula mista, composta por estudantes surdos e ouvintes. É possível que os resultados favoreçam a identificação de crenças a respeito da Libras, aponte pontos a serem trabalhados na formação dos participantes e por consequência, no ensino de química para surdos.

Fundamentação Teórica

Os pressupostos sobre as crenças e o processo de aprendizagem de línguas baseiam-se em Kalaja (1995:196 apud Silva, 2007), para quem, o uso da linguagem orienta a ação do indivíduo na construção do conhecimento científico ou construções sociais de mundo.

As crenças a respeito da língua de sinais estão ligadas a concepção sobre as pessoas

surdas. A evolução conceitual sobre essa língua e esses indivíduos partiu de um lugar de inferiorização para um novo status linguístico, a partir do momento em que é reconhecida como língua e por consequência, comunidade linguística. Segundo Sadalla (1998), crenças representam uma matriz de pressupostos que dão sentido ao mundo, não sendo, apenas, um mero reflexo da realidade, elas são construídas na experiência, no percurso da interação com os demais integrantes desta realidade.

A cognição aliada a experiências sociais resultam na construção de crenças, por isso que elas são pessoais, intuitivas e implícitas. Neste sentido, a tarefa do professor de Química em lidar com uma sala de aula mista, composta por estudantes surdos e ouvintes, requer uma perspectiva sociocultural da surdez e que o ensino seja significativo para ambos.

É importante destacar os preconceitos e ajuizamentos a respeito do indivíduo surdo que, na maioria das vezes, está impregnada no saber popular, como: o desconhecimento quanto a riqueza da língua de sinais e suas nuances, a incapacidade de nota-los como não deficientes.

Uma das características que está intrinsecamente ligada ao perfil desse profissional de educação, está relacionada a vontade de se desligar de práticas errôneas em sala de aula que não ajudam o processo educativo e que atrapalham o âmbito de cooperação entre os alunos, no caso em questão, os alunos surdos e não surdos. Mas, para que isso aconteça é necessário que o docente reveja crenças sobre a Libras e a pessoa Surda.

A realidade da sala de aula faz com que ele confronte a sua crença, fazendo com que esta seja confirmada, negada ou substituída por outra. As mudanças também ocorrem com o tempo de experiência do professor e para isso deve estar atento ao contexto de atuação.

Metodologia

Com base na problematização do objeto de investigação, esta pesquisa caracteriza-se como exploratória pois objetiva coletar informações sobre um tema pouco investigado. Para isso, é necessário acessar bibliografia que ampare teoricamente as discussões, elaboração do instrumento de pesquisa e análise de dados.

Os participantes são professores de Química e foram interpelados com o propósito de verificarmos as percepções que estes têm a respeito da Libras. Para a coleta de dados, utilizamos uma entrevista semiestruturada. O instrumento foi elaborado durante a realização

do projeto. A pesquisa está sendo executada conforme as etapas metodológicas abaixo.

1ª etapa: Elaborar o instrumento de pesquisa

Para a coleta de dados, utilizamos o instrumento entrevista semiestruturada, composta por questões fechadas e abertas. A entrevista é um instrumento de coleta de dados que permite flexibilidade sobre o objeto investigado.

2ª etapa: Entrevistar professores da disciplina de Química em escolas estaduais de João Pessoa.

Neste passo, os estudantes pesquisadores realizaram entrevistas com os professores de Química. Adotamos a entrevista semiestruturada, visando garantir questões essenciais ao objetivo desta pesquisa e permitir o registro de informações espontâneas relacionadas ao objeto em questão.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue ao participante da pesquisa, deixando clara a possibilidade de desistência da participação caso sintasse constrangido durante o processo ou queira manifestar a desistência por quaisquer motivos pessoais.

3ª etapa: Análise dos dados

Esta é etapa atual da pesquisa. Consiste em organizar os dados coletados agrupando-os conforme as perguntas do instrumento de pesquisa. Identificar e listar crenças sobre a Libras e o processo de ensino-aprendizagem referente a interpretação de conteúdos de química para Libras. Logo após a categorização, os dados serão analisados estatisticamente.

O trabalho em questão pretende analisar dados de maneira estatística, ou seja, conforme a observação dos dados coletados em confronto com uma literatura especializada. Especificamente, as respostas serão analisadas de maneira descritiva, bem como inferencial. Como visto em Bussab & Morettin (2013), a Estatística Descritiva tem o poder de extrair informações de dados brutos, de maneira a descrevê-los através de medidas específicas, tais como a média, o desvio-padrão, frequências, entre outros.

Além disso, é importante saber que o uso da Estatística Inferencial é possível de maneira paramétrica ou não paramétrica. Portanto, a depender da quantidade total da amostra final e de testes devidamente aplicados, esse trabalho pode lidar com uma das duas vertentes, o que será verificado durante o estudo.

4ª etapa: Ofertar orientações ao processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Química.

A partir da análise dos dados, será ofertada orientação aos participantes da pesquisa sobre o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Química, considerando o ensino por meio da Libras. Esta orientação será planejada com base nas crenças identificadas através da entrevista e visa subsidiar esses professores em sua prática de ensino numa sala de aula mista, composta por estudantes surdos e ouvintes.

Resultados e Discussões

A partir da identificação de crenças sobre a Língua Brasileira de Sinais, esperamos que os resultados deste estudo contribuam para: atualização das pesquisas sobre o objeto em questão, tendo em vista a veiculação de informações sobre a Libras por instituições de ensino; a formação de professores de química com foco na educação de estudantes surdos; o enriquecimento da formação acadêmica dos licenciandos; o incentivo a projetos de pesquisa, extensão e inovação relacionados educação de pessoas surdas.

Referências

BANDEIRA, G.M. **Por que ensino como ensino?** A manifestação e atribuição de origem de teorias informais no ensinar de professores de LE (Inglês). Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2003.

BUSSAB, W. O; MORETTIN, P. A. **Estatística Básica** - 8ª Ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

LIMA, K.E.C.; VASCONCELOS, S.D. **Análise da metodologia de ensino de ciências nas escolas da rede municipal de Recife.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v.14, n.52, jul/set. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n52/a08v1452.pdf>> . Acesso em: 31 mar. 2018.

KUDIESS, E. As crenças e os sistemas de crenças do professor de Inglês sobre o ensino e a aprendizagem da língua estrangeira no sul do Brasil: sistemas, origens e mudanças. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 8, n. 2, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ingles/kudiess.pdf> . Acesso em: 31 mar. 2018.

SADALLA, A. M. F. A. **Com a palavra, a professora**: suas crenças, suas ações. Campinas, São Paulo: Ed. Alínea, 1998.

SILVA, K.A. Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas na Linguística Aplicada: um panorama histórico dos estudos realizados no contexto brasileiro. *Linguagem & Ensino*, v.10,n.1, jan./jun.2007. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/viewFile/2171/2068>>. Acesso em: 31 mar. 2018.